

FRANCISCO, O PAPA DOS SUJEITOS EMERGENTES

Um legado de inclusão radical

FRANCIS, THE POPE OF EMERGING SUBJECTS
A legacy of radical inclusion

Leomar Nascimento de Jesus*

Síntese: Este artigo tem como objetivo analisar o legado do Papa Francisco para a comunidade de sujeitos eclesiais emergentes, dissidentes do modelo antropológico binário, cisgênero, heterossexual, também conhecidos como “pessoas LGBTQIA+”. O foco do artigo está na abordagem pastoral do Pontífice em relação às questões de diversidade sexual e gênero dentro da Igreja Católica Apostólica Romana. A pesquisa examina aspectos relacionados a gestos, discursos e iniciativas do Papa Francisco para com tais sujeitos, revelando um movimento de “inclusão radical” no seio eclesial. Este trabalho reflete ainda sobre o impacto de tal postura de Francisco no movimento da diversidade e as oportunidades que surgem a partir dessa abordagem pastoral inclusiva, sem ocultar a resistência de segmentos tradicionalistas e a tensão diante do aparecimento do novo Papa. Conceitos tais como “sinal de contradição”, “inclusão radical”, “sujeitos emergentes” e “sujeitos eclesiais” dão ritmos ao artigo.

Palavras-chave: Sinal de contradição; LGBTQIA+; Inclusão radical; Sujeitos eclesiais; Cis-heteronormativo.

Abstract: This article aims to analyze Pope Francis’ legacy for the community of emerging ecclesial subjects – those who dissent from the binary, cisgender, heterosexual anthropological model, also known as “LGBTQIA+ people.” The focus is on the Pontiff’s pastoral approach to issues of sexual and gender diversity within the Roman Catholic Church. The study examines gestures, speeches, and initiatives by Pope

* Especialista em Comunicação, mestre em Teologia e doutor em Ciência da Religião pela PUC-SP. Padre católico, atua também como escritor, palestrante e pesquisador da relação entre religião e diversidade sexual e de gênero. É Vigário Paroquial e Assistente de Pastoral em dois colégios católicos da capital paulista. E-mail: leonascimento58@hotmail.com

Francis toward these subjects, revealing a movement of “radical inclusion” within the ecclesial sphere. This work also reflects on the impact of Francis’ stance on the diversity movement and the opportunities that arise from this inclusive pastoral approach, without overlooking the resistance from traditionalist segments and the tension caused by the emergence of this new papacy. Concepts such as “sign of contradiction,” “radical inclusion,” “emerging subjects,” and “ecclesial subjects” shape the rhythm of the article.

Keywords: Sign of contradiction; LGBTQIA+; Radical inclusion; Ecclesial subjects; Cis-heteronormative.

Introdução

A realidade das pessoas LGBTQIA+ é marcada por diversas formas de discriminação e violência, que se manifestam desde a rejeição social e familiar até a agressão física e o assassinato, tornando o Brasil o país que mais mata pessoas dissidentes do padrão cisgênero-heterossexual (cis-heterossexual) no mundo, especialmente pessoas trans (Schmitz, 2023).

O Concílio Vaticano II (1962-1965) marcou a abertura da Igreja Católica Apostólica Romana (a partir de agora designada ICAR), para o sujeito moderno, tipicamente europeu, racional, branco e masculino. Na América Latina, essa perspectiva se expandiu ao reconhecer-se o protagonismo dos pobres. Posteriormente, na África e em outras sociedades, especialmente nos países em desenvolvimento, a atenção se voltou para o sujeito negro. Mais recentemente, e particularmente a partir do pontificado de Francisco, tem-se observado uma crescente valorização do sujeito mulher, embora a ICAR permaneça como uma das maiores instituições ocidentais onde as mulheres, até o momento, não podem exercer cargos na hierarquia eclesial (Arias, 2018).

No contexto da luta por igualdade de gênero e pela afirmação da diversidade sexual e de gênero, percebe-se que a causa LGBTQIA+ representa um dos últimos baluartes a serem transpostos na Modernidade, tanto na sociedade civil quanto no universo religioso eclesial (Jesus, 2024). Apesar de terem superado inúmeras barreiras homotransfóbicas, pessoas gays, lésbicas, bissexuais, transgêneras, intersexo e outras ainda enfrentam desafios monumentais para garantir seu reconhecimento, segurança e dignidade. A constante ameaça às suas vidas advém, sobretudo, do fato de não se conformarem a um padrão afetivo-erótico-sexual

considerado normativo pela sociedade, o que é agravado se se tratar de pessoa pobres, pretas, mulheres (especialmente trans negras), portadoras de deficiência, idosos e/ou pessoas fora de padrões de beleza hegemônicos.

Muito da rejeição que constatamos na sociedade em relação a estes sujeitos, aqui chamados de emergentes, é fruto de uma determinada compreensão antropológica, veiculada e sustentada, especialmente, pela religião, notadamente pela fé judaico-cristã. A interpretação literal de Gênesis 1,27 – segundo a qual Deus teria criado apenas homem e mulher, sem abertura para outras identidades de gênero e orientações sexuais – construiu, ao longo da história, um edifício de preconceito exacerbado contra todas as pessoas que não se enquadram nesse paradigma. Essas pessoas foram historicamente rotuladas como sodomitas, pervertidas, pederastas, entre outros termos pejorativos.

Como instituição milenar – que consolidou uma visão antropológica da sexualidade fortemente contrária a outras formas de vivência sexual que ultrapassem os limites do matrimônio monogâmico, heterossexual, com finalidade procriativa –, a ICAR, frequentemente, se torna um espaço onde preconceitos acirrados se manifestam e de onde pessoas LGBTQIA+ batizadas acabam se afastando.

De repente, porém, em pleno início do século XXI, no próprio seio eclesial católico, surge uma pessoa. E não qualquer pessoa, mas sua autoridade máxima: o Papa Francisco. Perguntado sobre um suposto “lobby gay” na Igreja, ele não apenas questiona tal suposição, como também indaga: “Se uma pessoa é gay, busca o Senhor de todo o coração, quem sou eu para julgar?” Havia algo novo ali.

Desde então, o Papa Francisco se destacou por adotar uma abordagem pastoral que, embora enraizada nos princípios do Magistério da Igreja, revelou uma sensibilidade incomum ao tratar de temas como diversidade sexual e de gênero. Seu apelo durante a Jornada Mundial da Juventude em Lisboa (2023) de que “A Igreja é de todos, todos, todos”, bem como suas mais surpreendentes expressões, como “a Igreja não é uma alfândega”, “a Igreja como hospital de campanha”, “... prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças” (Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, 49, a partir de agora designada *EG*), entre outras, revelam uma prática pastoral

marcada pela inclusão radical. Em outras palavras, por uma evangelização que busca, antes de tudo, alcançar o ser humano, especialmente aquele que sofre, em suas mais diversas periferias, sejam elas geográficas ou existenciais; por uma postura eclesial que se concentra no amor incondicional de Deus, que é justo não porque condena o pecador, mas porque, no seu amor, é capaz de salvá-lo; por uma pastoral que conjuga os verbos acolher, acompanhar e integrar (Exortação Apostólica Pós-sinodal *Amoris Laetitia* (AL).

Ao longo de seu pontificado, suas atitudes e palavras foram decisivas para promover uma nova reflexão sobre como a Igreja deveria se relacionar com a comunidade LGBTQIA+. Este artigo pretende analisar o legado do Bispo de Roma (2013-2025) para esta comunidade (e para a Igreja como um todo), observando seus gestos, declarações e documentos, bem como a resistência que ele tem enfrentado e os desafios que ainda permanecem no caminho da plena inclusão, especialmente com a chegada de Leão XIV.

A questão central de nossa reflexão será apresentar o Papa Francisco, que, ao promover uma postura acolhedora e de “inclusão radical”, tornou-se, como Jesus, um “sinal de contradição” dentro da Igreja, particularmente com sua capacidade de escuta a sujeitos emergentes, muitos dos quais também são “sujeitos eclesiais”.

1. Discursos eclesiais sobre sexualidade: uma análise tipológica e a originalidade de Francisco

Quando analisamos os vários documentos eclesiais referentes à moral sexual, especialmente a partir do Concílio Vaticano II (1962-1965), percebemos que a doutrina oficial sobre sexualidade foi construída sobre uma base cis-heteronormativa rígida, centrada na procriação, dentro do Sacramento do Matrimônio e, acentuadamente, patriarcal – por isso, “mais azul que rosa”. Em decorrência de ser uma instituição milenar com um edifício moral fundado em tal paradigma antropológico, a ICAR enfrenta grandes dificuldades ao debater temas relacionados à sexualidade em geral, e à diversidade sexual e de gênero em particular (Vidal, 2008; Zacharias, 2021).

Na tese doutoral “As outras cores do catolicismo: estudo sobre os grupos católicos LGBTI+” (Jesus, 2024), a análise dos documentos

eclesiais demonstrou que tal ensinamento moral é sustentado, sobretudo, pela interpretação literal de textos bíblicos, por uma compreensão essencialista, biologista, fisicalista e universalista do ser humano, por uma concepção fixista da tradição, bem como por uma visão metafísica e fixista de “lei natural”, além de uma apropriação seletiva dos dados da ciência.

Lançando mão de um conceito de Michel Foucault (1982), constatamos que tal ensinamento moral se constituiu na história como um “regime de verdade” gerador de uma cultura que naturaliza unicamente as relações afetivo-erótico-sexuais entre homens e mulheres, com base primária nas distinções biológicas entre os sexos, privilegiando a procriação. Evidenciamos que, do ponto de vista eclesial, qualquer manifestação que transcenda a delimitação desse “regime de verdade” é categorizada como antinatural, anômala, desordenada ou pecaminosa. Aparentemente unitário e coerente, tal regime oculta contradições, reapropriações e fusões com outros “regimes de verdade” tais como influências de outros grupos religiosos e de culturas de povos diversos; concepções filosóficas frequentemente estranhas à Boa-Nova anunciada por Jesus (dualismo platônico, estoicismo, gnosticismo), entre outros.

No decorrer da História, tais concepções cis-heteronormativas tornaram espinhosa (para não dizer impossível) a vida de milhões de pessoas, nomeadamente de batizadas e batizados católicos, que não se enquadraram (e não se enquadram) em tal modelo antropológico. Muitas delas se esconderam em matrimônios heterossexuais, com enormes prejuízos para si e para seu entorno. Vozes foram silenciadas, experiências foram apagadas e vidas foram ceifadas, por causa de tais discursos.

O que desejamos destacar, neste primeiro tópico, é que para entender a originalidade do pontificado de Francisco, é indispensável reconhecer os modos pelos quais a ICAR construiu sua moral sexual em um horizonte marcadamente cisgênero, heterossexual e patriarcal. No segundo capítulo da tese supracitada (Jesus, 2024), foi identificado um espectro de discursos – figurativamente designados por “tons” – que vão de um azul profundamente reacionário a um lilás primaveril. Cada tom corresponde a uma determinada postura magisterial e pastoral em relação às pessoas LGBTQIA+.

O objetivo foi contextualizar os discursos eclesiais, utilizando as cores azul e rosa como metáfora, as quais, na cultura brasileira, simbolizam

o ideário cis-heteronormativo. Esse paradigma é particularmente valorizado pela ICAR, contrastando nitidamente com a paleta de cores vibrantes e dinâmicas que representa a diversidade sexual e de gênero, inclusive no interior da vida eclesial. A predominância de uma ou outra “tonalidade” no discurso da ICAR foi analisada em tal pesquisa, variando conforme o contexto sociocultural-histórico em que a instituição se defronta com as questões das sexualidades consideradas dissidentes. Os parágrafos abaixo sintetizam tais tons e os articulam ao legado pastoral do Papa Francisco para as pessoas LGBTQIA+.

Inicialmente, a partir da análise de alguns documentos, identificamos o tom “azul anil”, que corresponde a uma postura eclesial reacionária. Mais que um mero estado de espírito, tal postura representa uma tendência política da ICAR que se opõe veementemente a qualquer interpretação da sexualidade que questione sua própria concepção deste aspecto vital da existência humana. Em outras palavras, essa tipologia denota o posicionamento hostil da ICAR diante das crescentes vozes, experiências e avanços da comunidade de dissidentes afetivo-erótico-sexuais, especialmente a partir da segunda metade do século XX.

O segundo tom, o “azul eclesiástico”, reflete a atitude estigmatizadora da ICAR em relação à diversidade sexual e de gênero. Essa tipologia, portanto, evidencia os discursos eclesiais que qualificam a homossexualidade como uma condição desordenada, patológica e pecaminosa, utilizando para tal, não somente uma perspectiva teológico-pastoral, mas também um arcabouço filosófico e pretensamente científico.

Em terceiro lugar, apresentamos o tom “rosa pink”, que denominamos romântico-essencialista. Este se refere a uma tipologia de narrativas que sublinham a noção de um ser humano universal, dotado de uma natureza imutável em diversos aspectos de sua constituição existencial, notadamente na sexualidade. Essencialmente, trata-se de uma abordagem que enfatiza o caráter essencialista da sexualidade humana, centrada na relação ideal entre homem e mulher, como um projeto divino único e primordial.

O quarto tom é o da homofobia institucionalizada, ao qual chamamos de “rosa-choque”. A partir da segunda metade do século XX, vozes feministas e dissidentes do modelo cis-heterossexual não só se levantaram, como também se organizaram na busca de direitos efetivamente conquistados em alguns contextos. O tom rosa-choque indica o

acirramento de declarações eclesiais frente a tais conquistas e o quanto tais declarações dão suporte oficial a preconceitos e discriminações frente às pessoas LGBTQIA+. Uma, entre tantas outras conclusões chocantes, que se pode deduzir do ensinamento da Igreja, nesta tipologia, é que acatar legislações que tornem lei a discriminação da pessoa humana por orientação sexual é uma forma não só de proteger, mas de incentivar o mal na sociedade (Congregação para a Doutrina da Fé. *Algumas reflexões acerca da resposta a propostas legislativas sobre a não-discriminação das pessoas homossexuais*, 1992).

Por fim, o quinto e último tom é o primaveril, identificado pela cor lilás, uma fusão dos tons azul e rosa. Esta tipologia representa uma abordagem mais arejada, dialógica e receptiva à escuta da comunidade LGBTQIA+. Desde 2013, o tom lilás foi protagonizado pelo Papa Francisco, como veremos mais adiante, quebrando o ciclo de discurso inaugurado pelos tons azuis e rosas, sinalizando uma primavera de diálogo dentro da Igreja, que, pode ou não, ser continuada com a chegada do Papa Leão XIV.

2. A visibilidade de sujeitos emergentes como um fato histórico e eclesial

A presença de sujeitos com diversas orientações e identidades sexuais constitui uma constante histórica e cultural. Ao longo das épocas e civilizações, registram-se experiências homoafetivas e transgêneras, embora nem sempre nomeadas ou compreendidas nos termos atuais. A partir de meados do século XX, impulsionada por movimentos sociais feministas e por dissidentes do modelo cisgênero-heterossexual, bem como por uma crescente conscientização global sobre direitos humanos, essa presença tem alcançado maior visibilidade social, política e midiática, o que nos permite chamar estes “antigos”, mas silenciados indivíduos, de “sujeitos emergentes”.

A sigla LGBTQIA+ - e suas variáveis – tornou-se um símbolo da luta por reconhecimento, dignidade e cidadania de pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transgêneras, *queer*, intersexuais, assexuais e outras. Estes sujeitos permeiam todos os âmbitos sociais: universidades, locais de trabalho, artes, espaços públicos – e, notadamente, também as instituições eclesiais.

Na esteira de movimentos pela diversidade, tanto da sociedade civil quanto do mundo católico e de outras tradições religiosas, iniciados

na segunda metade do século XX, especialmente nos Estados Unidos, surgiram no Brasil grupos e coletivos que se reúnem para orar, partilhar suas experiências e buscar uma conciliação entre fé e identidade afetivo-erótico-sexual dissidente. Muitos desses grupos contam com o apoio significativo de aliados, inclusive dentro da hierarquia católica.

O lançamento, em 2007, no Rio de Janeiro, de um *website* dedicado a disponibilizar subsídios para conciliar diversidade sexual e de gênero com a vivência cristã (com foco especial no âmbito católico romano) marcou o início de solicitações para encontros presenciais regulares de pessoas LGBTQIA+. Essas iniciativas e solicitações, por conseguinte, evoluíram para a formação de grupos presenciais, inicialmente na capital fluminense e, posteriormente, disseminando-se por diversos estados brasileiros. Atualmente, existem aproximadamente 25 coletivos vinculados à Rede Nacional de Católicos LGBTQIA+ (doravante designada REDE), a qual é filiada ao Conselho Nacional do Laicato do Brasil (CNLB) e, por conseguinte, ligada à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Neste contexto de crescente diálogo com a instituição eclesial e como fruto também dos esforços de comunhão dos membros da REDE, a própria CNBB designou, pela primeira vez na história do Brasil, um bispo para acompanhar pastoralmente a caminhada destes batizados e batizadas. Trata-se de Dom Arnaldo Carneiro, bispo da Diocese de Jundiá (Correio Brasileiro, 2025).

Os grupos que compõem a REDE funcionam como ambientes para a vivência comunitária, a leitura bíblica e o desenvolvimento de uma espiritualidade inclusiva – o que tem provocado novas indagações teológicas e fomentado experiências de pertença eclesial. É notável que, a partir do pontificado de Francisco, a média de participantes nesses encontros aumentou sensivelmente, indicando uma busca por acolhimento e diálogo dentro da Igreja. O que antes se configurava como resistência isolada transformou-se em uma rede de comunhão, fortalecendo a fé e a esperança desses indivíduos.

Eles e elas se autocompreendem como sujeitos eclesiais, ou seja, como batizados e batizadas protagonistas de um projeto comunitário movido pela fé. Uma fé “arco-íris” que desafia discursos eclesiais cis-heteronormativos, frequentemente alienados de suas realidades concretas e excludentes de suas experiências. Experiências estas que também

revelam a presença do sagrado na história. Conforme destaca Cris Serra,¹ a permanência de católicos LGBTQIA+ brasileiros na ICAR, organizados em grupos desde 2007, parece ocorrer por meio de sua autoconstituição como “sujeitos eclesiais”. Essa autoconstituição, por sua vez, se concretiza por meio de sua visibilização e vocalização, ou seja, pela “tomada de palavra”. Essa visibilização e vocalização refletem um “saber sobre si” validado pela apropriação do discurso magisterial e um diálogo com o discurso identitário do ativismo e de especialistas das ciências humanas e sociais, subvertendo, assim, a autoridade clerical dos supostos detentores da verdade sagrada (Serra, 2019, p. 199).

O protagonismo desses sujeitos eclesiais diz respeito, portanto, a um fenômeno não apenas social e histórico, mas eminentemente teológico. Trata-se de pessoas batizadas que manifestam um profundo anseio pela vivência da fé sem abrir mão de sua condição de dissidentes do modelo cisgênero-heterossexual. Tais indivíduos se recusam a submeter-se a normativas morais que demonizam sua forma dissidente de amar e que lhes impõem um celibato compulsório, reservando a escolha da castidade no estado celibatário à livre e voluntária opção de alguns. Mesmo após terem sido marginalizados por discursos e gestos de exclusão, esses fiéis católicos continuam buscando aproximação. Muitos demonstram um notável engajamento intelectual, dedicando-se ao estudo em áreas como Filosofia, Teologia e Psicologia.

Também teólogos e teólogas, LGBTQIA+ ou não, têm contribuído para fazer avançar a teologia no diálogo com as questões emergentes referentes à moral sexual.² Só para ilustrar, Todd A. Salzman e Michael G. Lawler, dois teólogos católicos leigos norte-americanos contemporâneos, ao trabalharem o tema da moralidade sexual na tradição católica, opõem dois modos de se enxergar o mundo: um, ao qual chamam classicista, e outro empirista. Segundo eles: “A visão de mundo classista afirma que a realidade é estática, necessária, fixa e universal” (Salzman; Lawler, 2010, p. 23). Dentro do contexto religioso católico,

1. Cris Serra era psicóloga, doutora em saúde coletiva, pesquisadora na área de gênero e religião e ativista LGBTQIA+. Membro da Diversidade Católica do Rio, ela ajudou a fundar a REDE e integrou sua primeira equipe de coordenação. Depois de ter lutado contra o câncer, veio a falecer em outubro de 2023. Ela se tornou um ícone de fé, luta e resistência para todo o movimento.

2. Poderíamos citar tantos outros autores que têm colaborado para este avanço, tais como Luís Corrêa Lima, Uta Ranke-Heinemann, James Alison, James Martin, Ivone Gebara, Adriano Oliva, Marciano Vidal, Ronaldo Zacharias, Bernardino Leers, José Transferetti (de tradição católica), Ana Ester Freire e André Musskopf (de tradição protestante).

tal cosmovisão configura uma teologia também classicista, a qual “vê as normas morais oriundas do Magistério como definitivas para sempre” (Salzman, Lawler, 2010, p. 29). Normas sexuais, portanto, enunciadas por célebres autores – tais como Clemente de Alexandria, Agostinho de Hipona, Tomás de Aquino, entre outros – bem como por autoridades católicas, sejam papas, sejam concílios, são “essencializadas”, suas origens são “solenizadas” (Foucault, 1982), se tornam imutáveis e permanecem completamente aplicáveis no século XXI. José M. Castillo chega a afirmar que na Igreja há textos do Magistério mais intocáveis do que a própria escritura bíblica (2012). Impulsionada por esse mesmo tipo de cosmovisão, a Igreja institucional tende a conceber a própria ciência por um viés classicista, ou seja, como estando isenta de qualquer historicização cultural, social e ideológica e selecionando autores e teorias científicas que corroboram sua concepção antropológica cis-heteronormativa (Burggraf, 2007).

O outro modo de enxergar o mundo, segundo o pensamento de Salzman e Lawler (e que também produz um outro tipo de teologia), é a visão empirista. Trata-se de uma visão historicamente consciente, ou seja, que concebe o mundo humano como uma realidade dinâmica, em constante evolução e transformação. Segundo Salzman e Lawler, a produção teológica que emana desse modo de “fazer teologia” enxerga as normas morais do passado “não como fatos para uma aceitação acrítica e passiva, mas como *insights* parciais que são bases de atenção crítica, compreensão, avaliação, juízo e decisões na situação sócio-histórica atual” (Salzman; Lawler, 2010, p. 29).

Conforme atestam tais autores, “o Concílio Vaticano II adotou uma abordagem histórica e empírica a juízos teológicos (inclusive teológico-morais), bem como um foco na pessoa e não nos atos da pessoa”. Por outro lado, “o Magistério Romano continua a fundamentar seu ensinamento sobre moralidade sexual mencionando a tradição passada como se ela não fosse influenciada pela historicidade” (Salzman; Lawler, 2010, p. 29). Essa persistência em um modo classicista de interpretar realidades humanas tão complexas à luz da fé – como é o caso da sexualidade – leva à desqualificação de qualquer indagação, prática ou posicionamento teológico contrário, visto apenas como ideologia. Além disso, essa mesma perspectiva classicista tende a ler o Evangelho por lentes cis-heteropatriarcais, ignorando o fato de que Jesus nunca fez menção ao que

hoje chamamos de homossexualidade e, frequentemente, rompeu com os paradigmas patriarcais de sua época, conforme demonstram Anamaria Corallo (2024) e Hugo Cáceres Guinet (2011).

É nesse sentido que batizados e batizadas católicos LGBTQIA+ interpelam a Igreja, que numa visão classicista da sexualidade humana, perpetua discursos que consideram suas existências “intrinsecamente desordenadas” e ignora seus numerosos testemunhos de fé e compromisso evangélico. Ao reforçarem que a doutrina tradicional tem pouco dialogado com os avanços das ciências humanas, da exegese e de sua própria experiência de fé (Nilson, 2005); ao reivindicarem sua cidadania católica e ao se organizarem em uma rede que busca comunhão (e não o rompimento com a comunidade eclesial), tais sujeitos eclesiais se estabelecem como um fato histórico e um lugar teológico vivo que exige atenção da ICAR. A desconexão entre a doutrina moral católica e a realidade vivida por essa população gera sofrimento e obstrui uma compreensão mais profunda da diversidade humana à luz da fé.

3. O Papa da inclusão radical: um sinal de contradição

A expressão “sinal de contradição”, que remonta ao Evangelho de Lucas (Lc 2,33), descreve Jesus como alguém que, enquanto gerava transformação e cura, também despertava hostilidade e oposição. Contemplamo-lo nos Evangelhos difundindo esperança e vida por onde passava. No encontro com o leproso, ele não apenas o cura, mas o reintegra plenamente à vida social (Mt 8,1-4). Ao curar o paralítico, Jesus revela um novo paradigma: o perdão divino não é mais um privilégio de ritos mecânicos e excludentes, mas a gratuidade de Deus que alcança o pecador em sua mais profunda miséria (Mt 9,1-8). No episódio da mulher adúltera, ele não só comunica essa nova compreensão do perdão e desafia o patriarcalismo da época, mas também expõe a hipocrisia daqueles que se julgavam merecedores por simples cumprimento de preceitos, desprovidos de verdadeira caridade e misericórdia. Jesus quebra um legalismo religioso vazio que gerava exclusão e sofrimento. Para os líderes religiosos de seu tempo, sua pregação desafiava normas estabelecidas e questionava uma moral tradicional centrada em estruturas de poder, que fazia da Lei um poderoso instrumento de exclusão. Não é à toa que Jesus foi perseguido.

De modo análogo, o Papa Francisco, ao desejar uma “Igreja pobre para os pobres” e ao adotar uma postura pastoral centrada menos em estruturas e mais na vida concreta de pessoas, especialmente daquelas que se encontram numa situação de profunda vulnerabilidade – seja devido à pobreza, à doença, ao exílio, ao preconceito e a tantas outras formas de exclusão – também se tornou um incômodo para alguns segmentos eclesiais e variadas elites políticas e econômicas. Sua postura mais aberta à diversidade e atenta à escuta da comunidade LGBTQIA+ acirrou seu caráter de “sinal de contradição”, numa Igreja profundamente marcada por tensões entre a tradição e a necessidade de renovação, especialmente no que diz respeito às questões de gênero.

Sua abordagem – centrada na misericórdia, na acolhida e na tríade “acompanhamento, discernimento e integração” (*AL*) de todas as pessoas, inclusive das LGBTQIA+ – confronta diretamente o patriarcalismo reinante no contexto eclesial e o legalismo de algumas correntes católicas. Francisco encontrou em representantes dessas correntes seus principais opositores. Seu magistério – que mostrou um rosto eclesial mais humano diante de desafios, como a devastação ambiental, a guerra, a desigualdade social, o drama dos migrantes e a situação das periferias, os conflitos enfrentados pela comunidade LGBTQIA+ – rompeu com a ideia de uma Igreja reduzida a tribunal de julgamentos morais, reafirmando-a como espaço de acolhimento, discernimento e integração. Como aconteceu com Jesus, tal postura lhe trouxe muitos contratempos, sendo acusado de permissividade em temas tidos como tabu.

Em todo caso, a partir de uma atitude de maior acolhimento e integração de batizados e batizadas LGBTQIA+, Francisco não apenas questionou fortes paradigmas eclesiais vigentes, mas abriu brechas para uma nova reflexão sobre as Escrituras, a Tradição, o diálogo entre Teologia e Ciência e, sobretudo, para uma maior escuta das histórias concretas das pessoas e suas lutas.

A atitude do Papa em escutar essas vozes e acolher sua presença como parte legítima da vida da Igreja representou um passo pastoral significativo, uma ruptura sem precedentes com um tabu moral secular. Ele transcendeu, ao menos na prática pastoral, algumas fronteiras cis-heteronormativas, sobretudo ao se dirigir a batizados e batizadas LGBTQIA+ despojado da tendência de invisibilizar, punir ou simplesmente considerá-los pessoas dignas de compaixão. Voltando às raízes, ou seja,

à pessoa e à prática do próprio Jesus, Francisco se tornou o Papa da inclusão radical.

4. *Modus Operandi* da inclusão radical: palavras, gestos e documentos

Como já afirmado, Francisco demonstrou uma notável sensibilidade às interpelações das pessoas em situação de marginalidade, abrangendo tanto periferias geográficas quanto existenciais. Neste contexto, a comunidade LGBTQIA+ frequentemente se encontra em ambas as categorias, com suas vulnerabilidades acentuadas pela interseccionalidade de fatores como pobreza, identidade de gênero feminina, raça, idade e deficiência.

A declaração de Francisco durante o voo de retorno da Jornada Mundial da Juventude de 2013, “Quem sou eu para julgar?”, teve ressonância global. Este momento representou um marco, assinalando a primeira vez que um Papa abordou a homossexualidade com uma perspectiva humanitária, desprovida de tons condenatórios ou paternalistas. Tal postura de abertura e acolhimento se materializou em diversos encontros e manifestações do pontífice.

Exemplificando essa abordagem, em 2015, Francisco acolheu Diego Neria, homem transexual, e sua companheira, oferecendo escuta e dignidade às suas experiências (Hernández, 2015). Em 2020, no contexto da pandemia, o Papa recebeu um grupo de pessoas trans acompanhadas por um sacerdote italiano, dialogando e concedendo-lhes bênçãos pessoais (Globo (O), 2025). Em setembro de 2020, encontrou-se com pais da associação italiana “Tenda di Gionata”, dedicada a famílias com filhos LGBTQIA+. Na ocasião, Maria Grassi, vice-presidente da associação e mãe de um jovem homossexual, reportou as palavras do Papa: “Seus filhos são amados pelo Papa exatamente como são, pois são filhos de Deus” (Moia, 2020).

Durante sua visita à Hungria e Eslováquia, em setembro de 2021, questionado sobre a legislação europeia para o casamento homoafetivo, o Papa Francisco reafirmou a doutrina católica sobre a indissolubilidade do sacramento do matrimônio. Contudo, sinalizou um avanço ao reconhecer a relevância de leis civis para proteger uniões de pessoas com “orientação sexual diversa”, desde que tais uniões não sejam confundidas com a natureza do matrimônio católico (Verdú, 2021). Ademais,

em fevereiro de 2023, no retorno de sua viagem à República Democrática do Congo e ao Sudão do Sul, Francisco condenou veementemente a criminalização da homossexualidade, classificando as leis que penalizam relações homossexuais como injustas e pecaminosas, e reiterando que pessoas homossexuais são filhos de Deus, amadas por Ele (Folha de São Paulo, 2023). Outro episódio marcante em 2023, que viralizou na internet, demonstra essa postura inclusiva: em diálogo com uma jovem cristã não binária que questionou seu espaço na Igreja, o Papa respondeu enfaticamente que toda pessoa é filha de Deus e que a Igreja não pode fechar as portas para ninguém, independentemente de sua identidade (Pernùs, 2023).

Mais recentemente, durante o funeral de Francisco, a freira franco-argentina Ir. Geneviève Jeanningros, de 81 anos, emocionou o mundo ao quebrar o protocolo e chorar ao lado do caixão do Bispo de Roma. Amiga próxima do Papa, Ir. Geneviève é conhecida por seu trabalho com pessoas em situação de marginalidade, incluindo pessoas homossexuais e transgêneras, muitas das quais ela conduziu para receber a bênção de Francisco (G1, 2025).

No que tange aos documentos pontifícios, observam-se também sinais de evolução. Em 2018, a sigla LGBT foi empregada pela primeira vez em um documento do Sínodo dos Jovens (Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos (XV), 2018). A Exortação Apostólica *Amoris Laetitia* (AL) propôs uma nova abordagem pastoral, baseada na acolhida, discernimento e integração, com atenção aos casos ditos “irregulares”, incluindo pessoas em segunda união, e ressaltando a importância da consciência dos fiéis. Embora não fale diretamente dos sujeitos eclesiais LGBTQIA+, por exemplo, a Exortação oferece princípios e indicações que conclamam todas as comunidades a praticarem a inclusão por meio de um discernimento que supere todas as morais exclusivistas e legalistas. Mais recentemente, a declaração *Fiducia Supplicans* (2023) autorizou a concessão de bênçãos a casais em situação irregular, incluindo homoafetivos, fora dos ritos litúrgicos formais. Apesar das reações diversas, o documento constitui um marco teológico e pastoral ao distinguir a bênção do reconhecimento formal, abrindo caminho para o cuidado espiritual e o reconhecimento do anseio de muitos casais por uma palavra de Deus em suas vidas afetivas.

A análise desse paradigma pastoral suscita diferentes interpretações. Para muitos acadêmicos, a abordagem de Francisco não o qualifica como

um Papa “progressista”, no sentido de questionar normas estabelecidas. Paralelamente, surgem questionamentos sobre possíveis inconsistências entre seu discurso e a manutenção de visões doutrinárias e disciplinares tradicionais, como nas questões do matrimônio homoafetivo (AL, 52) e da ordenação de padres gays (Giansoldati, 2018). Nesse cenário de múltiplas análises, a perspectiva do jesuíta Padre James Martin oferece uma contribuição relevante. Ele argumenta que a atuação do Papa Francisco, embora possa parecer ambígua para alguns, deve ser compreendida como um acompanhamento pastoral gradual, respeitando os limites de uma instituição milenar e evitando declarações drásticas. Martin enfatiza os “pequenos passos” de Francisco, como a pergunta “Quem sou eu para julgar?”, o encontro com Yago Grassi e seu companheiro, e a ênfase na dignidade humana na *Amoris Laetitia* (Martin, 2021).

Em síntese, o Papa Francisco se posicionou como um líder que não evita temas controversos, buscando abordá-los com seriedade e humanidade, priorizando as pessoas concretas em detrimento das estruturas. Essa priorização representou uma virada simbólica significativa, na qual a existência LGBTQIA+ transcende a invisibilidade ou mera tolerância, sendo reconhecida como parte integrante da Igreja peregrina, com palavras, gestos e documentos imbuídos de uma força simbólica que redefine práticas e esperanças.

Embora tenha sustentado as posições do Magistério, não propondo mudanças substanciais na doutrina moral referente à diversidade sexual e de gênero, seu pontificado demonstrou notáveis avanços na acolhida e no diálogo com a população católica LGBTQIA+, abrindo brechas para um aprofundamento teológico do tema em maior consonância com a ciência e, sobretudo, com as próprias pessoas envolvidas neste processo.

5. Desafios e oposições ao paradigma pastoral de Francisco

O legado de Francisco, marcado por uma abertura pastoral sem precedentes em temas sensíveis, não se consolidou sem enfrentar resistências significativas no interior da própria Igreja, especialmente dos setores ditos tradicionalistas. Aqui, “tradicionalismo” designa um tipo-ideal que caracteriza grupos católicos que se afastam das determinações do Concílio Vaticano II, interpretado por eles como ruptura da tradição. Estes grupos rejeitam o Missal de Paulo VI (1969), negam a concepção conciliar sobre a liberdade religiosa e se ancoram em documentos do

século XIX e início do XX, como o *Syllabus Errorum Modernorum*, as encíclicas *Mirari Vos* e *Quanta Cura*, defendendo com rigor o primado papal (Caldeira, 2011; Biroli *et al.*, 2020). Benjamin R. Teitelbaum, em *Guerra pela eternidade*, aprofunda essa compreensão ao descrever o tradicionalismo como exaltação excessiva de modelos do passado e desprezo ativo pela modernidade, legitimando-se por argumentos religiosos que servem de base a políticas de extrema-direita em diversas partes do mundo (Teitelbaum, 2020).

Aferrando-se a uma interpretação rígida da doutrina e da tradição eclesial, segmentos tradicionalistas se opuseram vigorosamente às posturas de Francisco. Para eles, a abordagem do pontífice, especialmente em relação à comunidade LGBTQIA+, representa um enfraquecimento da moral católica e uma ameaça direta à integridade e à unidade da Igreja. Essa oposição não é só teológica; ela se manifesta também como uma pressão política eclesiástica, com os referidos grupos buscando ativamente reverter o que consideram uma “desordem” pastoral inaugurada por Francisco.

A percepção destes segmentos é que a inclusividade de Francisco, ao invés de ser um ato de misericórdia, constitui uma ameaça à doutrina secular e à ordem estabelecida na Igreja. Essa tensão reflete as profundas divisões internas sobre como a instituição deve se posicionar diante das complexidades da sociedade contemporânea. A resistência, portanto, emerge de um profundo receio da mudança e da potencial perda de controle sobre uma visão de Igreja que se acredita ser a única verdadeira e imutável. Esse temor se traduz em críticas que vão desde a acusação de relativismo moral até a alegação de que o Papa estaria se afastando da ortodoxia.

Contudo, como o próprio Papa Francisco demonstrou, a Igreja não pode permanecer alienada das realidades existenciais e dos sofrimentos vivenciados pelas pessoas. A rigidez doutrinária que não se ajusta mais às necessidades e aos clamores da sociedade contemporânea pode levar ao afastamento de fiéis e à perda de relevância pastoral. A oposição de alguns setores, embora compreensível do ponto de vista de sua lealdade à tradição, não deveria obstar o processo contínuo de diálogo e inclusão radical, nos moldes apontados neste artigo, que a Igreja é chamada a promover. Ignorar esses desafios seria permitir que o medo da mudança sufocasse o impulso evangélico de acolhimento e compaixão.

6. Papa Leão XIV: continuidade ou ruptura na “inclusão radical”?

A eleição do Papa Leão XIV, após o pontificado de Francisco, inaugurou um período de expectativas e incertezas quanto à continuidade ou ruptura do caminho de acolhimento e “inclusão radical” da comunidade LGBTQI+, na ICAR. Como procuramos evidenciar, tal expressão não se restringe à mera aceitação passiva, mas implica um reconhecimento pleno da dignidade, da contribuição e da participação ativa de tais pessoas na vida eclesial, desafiando estruturas e discursos que perpetuam sua marginalização.

A escolha do nome papal, Leão XIV, remete a Leão XIII, um pontífice do século XIX, que se destacou por sua preocupação com as condições de trabalho, sobretudo da classe operária, e pela precariedade social a que tantos seres humanos estavam submetidos naquela fase do capitalismo industrial. Com Leão XIII, nomeadamente por meio de sua encíclica *Rerum Novarum*, foi talvez a primeira vez que a Igreja, em sua instância institucional, pensou a situação da pobreza a partir das estruturas que a geram e não simplesmente a partir de uma abordagem somente assistencial.

Conforme apontado por Luís Rabello, secretário da Rede Nacional de Grupos Católicos LGBT+, a escolha do nome “Leão” pode sinalizar um desejo de “olhar com atenção para a nova revolução que se dá no mundo, a tecnológica, e de discernir, à luz da fé, os caminhos que a Igreja deve seguir em meio a tantas mudanças” (Folha de São Paulo, 2025). No século XXI, essa “nova revolução” abrange, inegavelmente, as transformações sociais em torno da sexualidade e identidade de gênero, completa Rebello (Folha de São Paulo, 2025).

No entanto, a trajetória de Leão XIV apresenta pontos de tensão que geram cautela na comunidade LGBTQIA+. Antes de seu pontificado, como bispo no Peru, ele se manifestou criticamente em relação à “ideologia de gênero”, afirmando que esta “busca criar gêneros que não existem”, e se opôs à inclusão de conteúdos sobre gênero na grade escolar (Moura, 2025). Tais declarações, embora condizentes com o pensamento oficial católico, contrastam com a abertura pastoral promovida por Francisco e levantam dúvidas sobre o aprofundamento da inclusão radical.

Também Francisco, quando arcebispo de Buenos Aires, assumiu posturas muito rígidas em relação à comunidade LGBTQI+

(CNN, 2025). O tempo, a experiência e sua nova posição como Bispo de Roma, aparentemente, lhe provocaram transformações. A questão central reside em qual face de Leão XIV prevalecerá: a do diplomata que “defendeu uma Igreja ‘que constrói pontes e diálogo’” ou a do bispo com posturas mais conservadoras em temas de gênero e sexualidade. Segmentos progressistas e tradicionalistas parecem disputá-lo. A comunidade LGBTQIA+ católica, que viveu sob a luz de Francisco uma esperança de maior acolhimento, observa atentamente se o novo Papa adotará uma perspectiva de continuidade, reforçando o discernimento e a misericórdia, ou se haverá um retrocesso que solidifique as resistências tradicionalistas.

A expectativa da comunidade, conforme expresso por líderes LGBTQIA+ peruanos, é de que Leão XIV possa aproveitar sua “boa experiência” em pastoral para avançar na diversidade na unidade, o que implica a escuta da comunidade LGBTQIA+. Segundo George Halle, diretor de finanças e desenvolvimento institucional da Promsex, um grupo feminista de defesa sexual sediado em Lima, Leão XIV não parece ser uma figura hostil, entretanto, também não se mostra um pontífice dado a reformas radicais.

Ele não liderará a luta pelo casamento entre pessoas do mesmo sexo ou pelos direitos trans. Mas seu tom mais humano – sua proximidade com os marginalizados – pode ajudar a apaziguar o discurso de ódio, especialmente em um país como o nosso (Taylor, 2025).

O legado de Francisco, que plantou as sementes de uma Igreja mais sinodal, inclusiva e, portanto, atenta aos “sujeitos emergentes”, bem como às “periferias existenciais” serve como um critério de avaliação para o novo pontificado. A verdadeira prova da continuidade ou ruptura residirá em como Leão XIV traduzirá em ações concretas o chamado à caridade e à justiça para todos os filhos e filhas de Deus, o que inclui os sujeitos eclesiais aqui destacados.

Considerações finais

O pontificado do Papa Francisco, uma década após a emblemática pergunta “quem sou eu para julgar?”, consolidou um legado pastoral que, embora enraizado na perene tradição da Igreja Católica, operou uma inflexão significativa na forma como a instituição se relaciona com a comunidade LGBTQIA+. Este artigo buscou desvelar as nuances desse legado.

Ao longo de sua liderança, Francisco, a exemplo de Jesus, se tornou um “sinal de contradição”, provocando uma reconfiguração do olhar eclesial, que passou de uma postura predominantemente condenatória para uma atitude de maior acolhimento, discernimento e acompanhamento, especialmente em relação aos sujeitos emergentes aqui mencionados.

A “inclusão radical” – um conceito que perpassa a análise deste trabalho, significando não apenas aceitação, mas o reconhecimento pleno da dignidade e a promoção da participação ativa – tornou-se o horizonte utópico que Francisco abriu para os sujeitos eclesiais LGBTQIA+. Em última análise, o legado de Francisco para esta comunidade não é apenas um conjunto de gestos ou declarações isoladas, mas sim um paradigma pastoral que convida a Igreja a uma contínua *metanoia*.

Corpo de Cristo, a Igreja é convocada a ser um reflexo do amor incondicional de Deus, que acolhe todos os seus filhos e filhas, sem exceção, em sua plena diversidade. O caminho para a plena inclusão é longo e desafiador, mas o pontificado de Francisco plantou sementes de esperança e abriu portas que dificilmente se fecharão por completo. Cabe agora à Igreja, sob a liderança de Leão XIV e com o discernimento de todo o povo de Deus, continuar a caminhada rumo a uma comunidade verdadeiramente sinodal, acolhedora e inclusiva, que testemunhe no mundo a alegria do Evangelho que não julga, mas ama e liberta.

Referências

ARIAS, J. *Da mulher vista como “um homem sem espermatozoide” à greve mundial feminista: A mulher do século XXI entrou em guerra para defender sua identidade e seus direitos*. El País, 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/02/opinion/1520026969_925356.html. Acesso em: ago. 2023.

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS (XV), 2018. *Instrumentum laboris: os jovens, a fé e o discernimento vocacional*, n. 197. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20180508_instrumentum-xvassemblea-giovani_po.html. Acesso em: ago. 2022.

BIROLI, F. *et al. Gênero, neoconservadorismo e democracia*. São Paulo: Boitempo, 2020.

BURGGRAF, J. *Gênero* (“Gender”). In: LEXICON. PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A FAMÍLIA. *Termos ambíguos e discutidos sobre família, vida e questões éticas*. Brasília: CNBB, 2007, p. 453-461).

CÁCERES GUINET, Hugo. *Jesús, el varón: aproximación bíblica a su masculinidad*. Navarra (España): Verbo Divino, 2011.

CALDEIRA, R.C. *Tradicionalismo e conservadorismo católicos: as ideologias em jogo*. IHU, 2011. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/45840-tradicionalismo-e-conservadorismo-catolicos-as-ideologias-em-jogo-entrevista-especial-com-rodrigo-coppe-caldeira>. Acesso em: ago. 2019.

CASTILLO, José M. *Espiritualidade para insatisfeitos*. São Paulo: Paulus, 2012.

CNN, 2025. *Papa Francisco modernizou postura da Igreja sobre fiéis gays*. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/papa-francisco-modernizou-postura-da-igreja-sobre-fieis-gays/> Acesso em: jun. 2025.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Algumas reflexões acerca da resposta a propostas legislativas sobre a não-discriminação das pessoas homossexuais*. Vatican.va, 1992. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19920724_homosexual-persons_po.html. Acesso em: set. 2023.

CONGRÉGATION POUR LA DOCTRINE DE LA FOI. *Déclaration Fiducia supplicans sur la signification pastorale des bénédictions*. Vatican.va, 2012. Disponível em : <https://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2023/12/18/0901/01963.html#fr>. Acesso em: dez. 2023.

CORALLO, Annamaria. *Jesus além dos estereótipos patriarcais*. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2024

CORREIO BRASILIENSE, 2025. *CNBB nomeia bispo para o acompanhamento espiritual da pastoral LGBT+*. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2025/11/7296097-cnbb-nomeia-bispo-para-o-acompanhamento-espiritual-da-pastoral-lgbt-.html#google_vignette. Acesso em: dez. 2025.

FOLHA DE SÃO PAULO, 2023. *Criminalizar a homossexualidade é pecado, diz Papa Francisco*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2023/02/leis-que-criminalizam-pessoas-LGBTI+qia-sao-pecado-diz-papa-francisco.shtml>. Acesso em: abr. 2023.

FOLHA DE SÃO PAULO, 2025. *LGBTs aguardam sinal de Leão XIV mais próximo ou mais distante de Francisco*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2025/05/lgbts-aguardam-sinal-de-leao-14-mais-proximo-ou-mais-distante-de-francisco.shtml>. Acesso em: jun. 2025.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 3ªed. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Amoris Laetitia*: sobre o amor na família. São Paulo: Paulinas, 2016.

FREIRE, Ana Ester Pádua. *Armários Queimados*: igreja afirmativa das diferenças e subversão da precariedade. Tese de doutorado em Ciências da Religião. Pontifícia Universidade Católica de Belo Horizonte, 2019.

G1, 2025. *Freira que quebrou protocolo em velório do papa vive em trailer e é Irmãzinha de Jesus; conheça*. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2025/04/24/freira-que-quebrou-protocolo-em-velorio-do-papa-vive-em-trailer-e-e-irmazinha-de-jesus-conheca.ghtml>. Acesso em: jun. 2025.

GEBARA, Ivone. *O que é teologia feminista?* São Paulo: Brasiliense, 2007 [dispositivo eletrônico].

GIANSOLDATI, F. *O alerta do Papa aos bispos italianos*: “Muitos homossexuais nos seminários, prestem atenção!” 2018. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/579335-o-alerta-do-papa-aos-bispos-italianos-muitos-homossexuais-nos-seminarios-prestem-atencao>. Acesso em: mai. 2019.

GLOBO (O), 2025. *Prostitutas trans acolhidas pelo Papa na pandemia relembram apoio do Pontífice*: “Ele me disse que somos iguais para Deus”. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2025/04/25/prostitutas-trans-acolhidas-pelo-papa-na-pandemia-relembram-apoio-do-pontifice-ele-me-disse-que-somos-iguais-para-deus.ghtml>. Acesso em: jun. 2025.

HERNÁNDEZ, A.B. *El bendito encuentro entre Francisco y Diego*. Hoy, 2015. Disponível em: <https://www.hoy.es/extremadura/201501/25/bendito-encuentro-entre-francisco-20150125003218-v.html>. Acesso em: ago. 2019.

JESUS, L.N. *As outras cores do catolicismo*: estudo sobre os Grupos Católicos LGBTI+. 2024. Tese (Doutorado em Ciência da Religião) – Pro-

grama de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2024. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/bitstream/handle/41153/1/Leomar%20Nascimento%20de%20Jesus.pdf>. Acesso em: fev. 2024.

LEERS, Bernardino; TRANSFERETTI, José. *Homossexuais e Ética cristã*. Campinas: Átomo, 2002.

LIMA, Luís Corrêa. *Teologia e os LGBT+*. Petrópolis: Vozes, 2021.

MARTIN, J. *Papa Francisco tem feito mudanças radicais para a Pastoral LGBTQIA+*. IHI, 2021. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/613378-papa-francisco-tem-feito-mudancas-radicais-para-a-pastoral-lgbtqia-artigo-de-james-martin>. Acesso em: out. 2021.

MOIA, L. *Papa Francesco ai genitori: “La Chiesa ama i vostri figli LGBT+ così come sono”*. Progetto Giornata, 2020. Disponível em: <https://www.gionata.org/papa-francesco-ai-genitori-la-chiesa-ama-i-vostri-figli-lgbt-cosi-come-sono>. Acesso em: out. 2020.

MOURA, M. *Novo papa Leão XIV já criticou a comunidade LGBTQIA+*. Entenda. Metrópolis, 2025. Disponível em: <https://www.metropoles.com/mundo/novo-papa-leao-xiv-ja-criticou-a-comunidade-lgbtqia-entenda>. Acesso em: jun. 2025.

MUSSKOPF, Andrés S. *Via (da) gens teológicas: itinerários para uma teologia Queer no Brasil*. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

NILSON, J. *A Igreja e a homossexualidade: uma abordagem lonerganiana*. In: JUNG, P.B.; CORAY, J.A. (org). *Diversidade sexual e catolicismo: para o desenvolvimento da teologia moral*. São Paulo: Loyola, 2005. p. 93-106

OLIVA, Adriano. *Amours: l'Église, les divorcés remariés, les couples homosexuels*. Paris: Les Éditions du Cerf, 2015.

PERNÚS, J. *Religión Digital. Una luz en la oscuridad. Amén: Francisco Responde... a la generación Z*. Religion Digital, 2023. Disponível em: https://www.religiondigital.org/una_luz_en_la_oscuridad-_julio_pernus/Amen-Francisco-Responde_7_2549815007.html. Acesso em: abr. 2023.

RANKE-HEINEMANN, Uta. *Eunucos pelo Reino de Deus: Igreja Católica e sexualidade – de Jesus a Bento XVI*. 5ªed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

REDE NACIONAL DE GRUPOS CATÓLICOS LGBTI+. Disponível em: <https://www.redecatolicoslgbt.com.br>. Acesso em: fev. 2022.

SALZMAN, T.A.; LAWLER, M.G. *A pessoal sexual: por uma antropologia católica renovadas*. Porto Alegre: UNISINOS, 2012.

SCHMITZ, A. *Mortes violentas de LGBT+ Brasil*: Observatório do Grupo Gay da Bahia. Grupo Dignidade, 2022. Disponível em: <https://ce-doc.grupodignidade.org.br/2023/01/19/mortes-violentas-de-lgbt-brasil-observatorio-do-grupo-gay-da-bahia-2022>. Acesso em: nov. 2023.

TAYLOR, J. Papa Leão quer diversidade na unidade. Líderes LGBTQ+ peruanos dizem que ele tem boa experiência. *IHU*, 2025. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/652173-papa-leao-quer-diversidade-na-unidade-lideres-lgbtq-peruanos-dizem-que-ele-tem-boa-experien-cia>. Acesso em: jun. 2025.

TEITELBAUM, B.R. *Guerra pela eternidade: o retorno do Tradicionalismo e a ascensão da direita populista*. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.

VERDÚ, D. Papa Francisco apoia união civil entre homossexuais. *El País*, 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/sociedade/2020-10-21/papa-francisco-apoia-uniao-civil-entre-homossexuais.html>. Acesso em: set. 2023.

VIDAL, Marciano. *Sexualidade e condição homossexual na moral cristã*. Aparecida: Santuário, 2008.

ZACHARIAS, Ronaldo. *Ética e direitos sexuais*. São Paulo: Ideias & Letras, 2021.

Artigo recebido em: 10 jun. 2025

Aprovado em: 12 dez, 2025